

***De Cem Anos de Solidão à Modernidade Líquida/
From One Hundred Years of Solitude to Liquid Modernity***

*Jack Brandão**

*Ednaldo Torres Felício***

RESUMO

O artigo apresentará ponderações acerca da solidão no mundo contemporâneo, em um tempo em que a internet e as redes sociais passam a falsa impressão de coletividade, de democracia, de pluralidade e de informação acessível a todos. Procuraremos aventar também como a solidão ao migrar do espaço físico – quando se é só em meio à multidão – para o virtual, fez com que as pessoas acreditassem que poderiam se proteger atrás das telas dos aparelhos eletrônicos e que criassem *paramundos* em que pudessem se refugiar; abrindo-se, assim, campos para que sua solidão pudesse ser empregada por diversos meios de dominação.

PALAVRAS CHAVE: Solidão, Internet, Modernidade, Fluida, Acesso.

ABSTRACT

The article will present considerations about loneliness in the contemporary world, at a time when the internet and social media create the false impression of collectivity, democracy, plurality and accessible information to all. We will also try to show how seclusion when migrating from physical space - when it is only in the midst of the crowd - to the virtual space, made people believe that they could protect themselves behind the screens of the electronic devices and that they create paramundos in which they could take shelter, thus opening fields so that their solitude could be employed by various means of domination.

KEYWORDS: Loneliness, Internet, Modernity, Liquid, Access.

[...] quando tornou a ficar sozinho na última madrugada de Macondo, abriu os braços na metade da praça, disposto a acordar o mundo inteiro e gritou com toda a sua alma:
— Os amigos são uns filhos da puta!
(MÁRQUEZ, 1967, p. 217)

* Mestre e Doutor em Literatura pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Titular do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP) e coordenador do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPEs, e-mail: jackbran@gmail.com.

** Mestrando em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP), pós-graduado em Gestão de Vendas pela Universidade Paulista (UNIP) e membro do Grupo de Pesquisa CONDESIM-FOTÓS/DGP-CAPEs, e-mail: jackbran@gmail.com.

1 Introdução

Na obra *Cem anos de Solidão*, Gabriel Garcia Márquez escreve sobre pessoas que dividem o mesmo teto, compartilham os mesmos momentos, sorriem das mesmas chacotas; mas, que têm na alma a melancolia dos que sabem que a vida é uma experiência finita e solitária.

No excerto que escolhemos para abrir este artigo, uma das personagens principais perde a esposa, morta durante o parto de um bebê que havia nascido com um rabo de porco. Desesperado, o viúvo percebe que “não compreendera até então quanto gostava de seus amigos, quanta falta lhe faziam e quanto teria dado para estar com eles naquele momento” (MARQUEZ, 1967, p. 217). Sai então pela cidade e já não encontra ninguém que conhecesse anteriormente. Chora sozinho com a testa apoiada na porta da antiga livraria.

A tristeza, a solidão, a falta de aconchego no momento de dor fez-se presente em todas as personagens da obra de Márquez, geração por geração, a espelhar as dores, dúvidas e medos dos leitores. Obviamente, *Cem anos de Solidão* contém em seu cerne a possibilidade de inúmeras outras leituras, inclusive da construção identitária do latino-americano, mas gostaríamos de ressaltar aqui, o fato da solidão compartilhada por aqueles homens, mulheres e crianças que dividiam o mesmo espaço físico, os laços familiares, mas, sobretudo, a maldição da solidão de Macondo, da solidão dos Buendía.

O cigano Melquíades já apregoava no começo do livro: “A ciência eliminou as distâncias. [...] Dentro em pouco o homem poderá ver o que acontece em qualquer lugar da terra, sem sair de sua casa” (MÁRQUEZ, 1967, p. 5). Eis que, ao chegar ao início do século XXI, já podemos ver o mundo, instantaneamente, sem sair de casa, em meio a uma Modernidade Líquida. A solidão, outrora partilhada em espaços físicos, como bares, praças e conversas com vizinhos, agora é compartilhada nas telas do computador, na internet, quando os internautas têm a possibilidade de dividir mentiras, sorrisos e risos falsos, cujo objetivo é mascarar a solidão e o vazio existencial do homem pós-moderno.

Este, fechado e cercado por seu próprio Ego, sem contato com a *self*, cria contos de fada, nos quais ele se vende como herói aos olhos alheios, mas percebe que, no fundo, sua história não passa de um grande chiste, uma piada mal contada. Entretanto, a

fantasia compartilhada de sucesso, felicidade e – por que não? – poder, é contada com tal eloquência que os demais, acreditam nela. Todos nas redes sociais são poderosos e belos. Todos são deuses. Não há dor, não há tristeza. Nas palavras de Bauman (2000): “(...) tendemos a ver as vidas dos outros como obras de arte. E tendo-as visto assim, lutamos para fazer o mesmo” (BAUMAN, 2000, p. 97).

A tela do computador, *tablet* ou *smartphone* é, ao mesmo tempo, criadora de ilusões e armadura, onde o indivíduo se esconde, encolhe-se e modifica-se a ponto de não saber exatamente o que ou quem é de verdade, ou conforme diz Brandão (2010):

Vivemos como se estivéssemos em dois mundos: o real, em que estão nossas imagens triviais, entre elas nossa própria linguagem; e o irreal, um paramundo, como se fosse um *εἶδωλον* (simulacro) que nos é imposto pelos meios midiáticos. (BRANDÃO, 2010, s.p.).

Dores, aflições, idiosincrasias, conquistas, tudo agora é exposto à praça pública desse *paramundo*. Segundo Bauman (2000), “o espaço público não é muito mais que uma tela gigante em que as aflições privadas são projetadas sem cessar [...]” (BAUMAN, 2000, p. 49). Dessa maneira, tais paramundos, segundo a acepção de Brandão (2010), tornam-se como amplificadores de gestos mesquinhos que procuram tão somente o aplauso em forma de *likes*, como espelhos côncavos de uma realidade obtusa, empurram o ser humano a consumir mais e a partilhar menos suas verdadeiras emoções. Intangíveis, são produzidos por cérebros eletrônicos e, como o reflexo gerado nas telas, não precisa refletir, necessariamente, o real.

O aparelho celular deu o poder ao homem de estar em vários lugares ao mesmo tempo, sem estar em lugar algum. O homem é, mais que nunca, o centro de uma teia de mensagens e conexões e sua onipresença tem um atrativo maior: ele pode estar em todos os lugares sem ser visto, uma vez que não precisa responder, de imediato, quando é chamado.

Bauman (2003) chama de enxame, a multidão de pessoas conectadas aos celulares ao mesmo tempo, enxames agrupados por Nokias, Motorolas e Ericssons. Tal imagem nos faz pensar na lâmpada elétrica que atrai o mosquito para matá-lo. Obviamente, a luz do celular não matará o consumidor (quem seria louco de matar quem o enriquece?), mas tem o poder de colocá-lo em estado hipnótico, alienado, alheio ao que realmente importa. “Aos que se mantêm à parte, os celulares permitem

permanecer em contato. Aos que permanecem em contato, os celulares permitem manter-se à parte” (BAUMAN, 2003, p. 81).

2 Da euforia com a *Cyber Cultura* ao *Big Data*

*O cérebro eletrônico faz tudo
Faz quase tudo
Faz quase tudo
Mas ele é mudo
(Gilberto Gil)*

Em um artigo, Lemos (2004), mostra seu otimismo em relação às possibilidades de trocas planetárias e cooperações mútuas entre pessoas de diversas partes do mundo, advindas da cibercultura. Para o autor, a cultura de massa coexistiria com uma cultura de compartilhamento de ideias, criação e informações, em que a criação coletiva seria um movimento inverso à lógica do capital e da acumulação econômica:

A cibercultura, ao instaurar uma cultura das redes, planetária, convivial, coletiva e colaborativa, pode enriquecer aquilo que temos de mais importante: a nossa inteligência e o nosso capital cultural que, entrando em sinergia através das redes telemáticas com outras culturas, poderá fazer a identidade de cada um legítima e a globalização um processo de riqueza cultural e de reforço de laços sociais locais. (LEMOS, 2004, p. 10).

Doze anos depois, na contramão da visão de Lemos, o analista do jornal *El Pais*, Daniel Verdú (2016), escreve sobre o perigo das sugestões de consumo de mídia em plataformas como Spotify e Netflix. Em seu artigo, conta o fato de que um cérebro eletrônico (um sistema baseado em algoritmos) escolhe as músicas sugeridas ao consumidor no Spotify, bem como os filmes que sugeridos no Netflix ou mesmo as postagens que aparecerão na *timeline* do Facebook e, não menos importante, os anúncios que bombardearão sua tela enquanto o indivíduo navega ou faz pesquisas no Google. Tudo baseado em cruzamento de dados de escolhas anteriores e hábitos de navegação.

Um exemplo de como o chamado *Big Data* (sistema de pesquisa baseada em comportamentos de usuários na internet) pode ser usado de forma efetiva, é a série

da Netflix *House of Cards*, que teve seu roteiro escrito com base nos dados coletados pelo sistema. Os resultados indicados pelo sistema também foram base para escolha de diretor e ator principal da trama.

Verdú chama a atenção para o fato de que, ao construir um universo perfeito para o consumidor, o sistema de algoritmos esteja gerando bolhas ou, conforme explica Ramón Sanguesa, coordenador do *Data Transparency Lab*, filtros-bolha onde são gerados comportamentos padrões, camadas classificadoras de comportamento e hábitos de consumo.

Quanto mais se distinguem as pessoas por camadas, mais filtros isolam os indivíduos uns dos outros e cada qual começa a viver em pequenas ilhas culturais, sem ter sequer noção de que há algo além do que lhe é oferecido. A curiosidade por explorar novas culturas fica enfraquecida, uma vez que tais dispositivos de procura colocam as pessoas em zonas de conforto, já que um cérebro eletrônico é que elege suas opções. Entretanto, por ser eletrônico, escolhe sempre mais do mesmo; afinal, por pertencer a empresas privadas, ele orienta aquilo em que as pessoas devem pensar, o que podem consumir, ou pelo que precisam se interessar: apenas o dono do cérebro eletrônico (afinal ele tem donos) realmente sabe emitir opiniões, pode vender, pode emitir juízos de valor.

Séculos depois, “A Caverna de Platão” ocupa nuvens formadas pelos dígitos 0 e 1. As sombras aparecem ao alcance dos dedos impacientes que manipulam os aparelhos eletrônicos enquanto o tangível vira mero detalhe. A *Matrix* dos irmãos Wachowski, é uma efígie do contemporâneo, em um momento de pós-verdade, quando o *meme* vale mais que a leitura profunda do fato.

Produtos são vendidos, eleições são ganhas e regimes são fabricados e destruídos através de sombras jogadas nas inúmeras telas luminosas e em seus inadvertidos usuários. Como exemplo, temos a chamada Primavera Árabe, com sua mobilização via internet, ou as recentes mobilizações a favor da derrubada da Presidenta Dilma, no Brasil.

Em entrevista à BBC, Martin Hilbert afirma que pesquisadores da Universidade de Cambridge, no Reino Unido, fizeram uma pesquisa com pessoas que permitiram acesso a suas páginas no Facebook e constataram que “com 150 curtidas o algoritmo pode prever sua personalidade melhor que seu companheiro. Com 250

curtidas, o algoritmo tem elementos para conhecer sua personalidade melhor do que você”. Sem dúvida que tais informações são aproveitadas por empresas de marketing para traçar novas estratégias que visem a atingir seus *targets*.

Uma vez que vivemos em ilhas, cercados de cérebros eletrônicos, que nos influenciam na hora de comprar, comer, beber, votar e consumir ideias, produtos ou sonhos, qual a necessidade, afinal, de companhia física humana?

3 *Her* (Ela)

Mas eu fico triste por você não saber lidar com emoções reais (...) Você sempre quis uma esposa sem o desafio de lidar com algo real...
(Catherine para Theodore, no filme *Her*)

Em 2013, Spike Jonze dirigiu o filme *Her* (“Ela”), ganhador de diversas premiações como o Globo de Ouro, o Oscar e o *Choice Awards*, mostrando ao espectador a questão da solidão nos tempos fluidos tecnológicos.

Solitário após um divórcio, o protagonista do filme está deprimido. Embora seja reconhecido por seu trabalho de *ghostwriter*, que consiste em escrever cartas sentimentais encomendadas por pessoas que não conseguem expressar seus sentimentos, Theodore Twombly (Joaquin Phoenix) é um sujeito triste que mora em um apartamento vazio. Com poucos e raros amigos, Theodore passa suas horas vagas jogando videogame e praticando sexo virtual com desconhecidos em *chats*, até conhecer Samantha (Scarlett Johansson) e se apaixonar por ela.

Até então, temos um mero enredo retratando um caso de amor, como há em diversos filmes. Aquilo que diferencia *Her*, no entanto, é exatamente com quem o protagonista se relaciona. Isso porque Theodore, ao adquirir o Sistema Operacional – espécie de secretária virtual que organiza a agenda, os arquivos, e ainda conversa e faz companhia ao usuário – e definir que o mesmo fosse **feminino**, acaba se apaixonando por ele, no caso, Samantha, nome escolhido pelo próprio sistema aleatoriamente. Este constrói sozinho toda sua identidade e personalidade aos poucos, em uma progressão de ideias, como se fosse a tábula rasa citada por John Locke.

Ao explicar seu próprio funcionamento, logo no início, Samantha diz: “o que faz ser eu mesma é minha capacidade de amadurecer com as experiências”. Dona de um humor refinado e extremamente atenciosa vai aos poucos despertando em Theodore a alegria de viver que já não sentia há muito tempo, a ponto de fazê-lo se apaixonar por ela e também ser correspondido: ambos se apaixonam.

Ao longo do enredo, Samantha descobre em si a possibilidade de ter dúvidas, medos, conflitos e se angustia com o fato de perceber que não tem um corpo físico e não poder corresponder, de maneira plena, a paixão que sente por Theodore. O relacionamento flui a ponto de ela expressar sofrimento quando este não corresponde aos seus anseios.

Em diversas cenas, o filme mostra pessoas que interagem apenas com o mundo virtual, caminham olhando apenas para os próprios aparelhos sem olhar para os lados, sem trocar experiências uns com os outros, absortas e presas tão-só a seu próprio paramundo. Este, no entanto, se entrelaça e se imiscui com o dito *mundo real*, a ponto de já não saberem em qual dos dois (ou mais) se está ou se vive.

A ex-mulher Theodore, ao reencontrá-lo para a assinatura dos papéis de divórcio e ao saber que ele se relaciona com um Sistema Operacional, chega mesmo a afirmar que ele não conseguia manter nem estabelecer “relações reais”

Mas, que seriam relações reais?

Quantas vezes projetamos no outro o que queremos apenas para satisfazer o próprio ego, sem olhar verdadeiramente o outro, sem entender suas necessidades, sem ouvir seus anseios, sem partilhar de seus sonhos e apenas ampliamos nossa solidão no espelho côncavo que outro traz em si?

Amar é criar lastros inseguros, uma vez que o futuro também depende do outro e não só de si. Amar é cultivar, lentamente, laços afetivos. Como fazê-lo numa contemporaneidade fluida a ponto de não conseguirmos mais perceber o outro como um complemento importante na construção do eu?

Bauman (2000), por exemplo, explica a diferença entre amor e desejo, dizendo que este é a vontade de consumir; enquanto aquele, a vontade de cuidar, de proteger o objeto amado, um ato de auto sobrevivência por meio da alteridade. Para este sociólogo, o impulso agora é mais importante que o desejo. Consumimos por impulso, tanto objetos quando pessoas, e tais impulsos consomem o objeto desejado instantaneamente,

tornando-o descartável. Tal lógica serve também para relacionamentos. Afinal, “a ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida” (BAUMAN, 2000, p. 103).

Quantas fotos retocadas em redes sociais de namoro? Quantos espelhos mentirosos mostram risos brancos em bocas desdentadas? O paramundo, no final das contas, mostra-se maleável ao gosto do freguês: prático, rápido, raso e moldável. É o Mágico de Oz dos tempos modernos, onde Dorothys acreditam em estradas virtuais de algoritmos amarelos que levam ao nada, pois saem do nada, mas não são nada, pois pulsam, influenciam e, principalmente, possibilitam consumo.

A solidão em *Her* emociona por ser real e possível em qualquer um de nós. É a fluidez ao extremo, é o risco da tentativa de agarrar-se ao fluido, quando já não há mais nenhuma alternativa tangível.

O filme termina com separação, solidão e dor. Talvez seja lugar-comum escrever que dor e caos levam a situações de crescimento e de fortalecimento. Grandes momentos de crise modificam o ser e o fazem evoluir psicológica e mentalmente. Ora, se o indivíduo teme a dor e se esconde atrás de telas, em suas próprias ilhas, como crescerá? Terá capacidade de desenvolver empatia? Terá capacidade de olhar além do seu próprio Ego? Terá capacidade de se conder pelo outro?

4 Narcisos Contemporâneos

É que Narciso acha feio
o que não é espelho.
(Caetano Veloso)

Versão livre do mito grego: Narciso era filho do Rio Cefiso e da Ninfa Liríope, e muito lindo. Tirésias, o oráculo, vaticinou a seus, dias antes de seu nascimento, que o rapaz teria uma vida longa, desde que não visse seu próprio rosto. Ao crescer e não ouvia o clamor dos homens ou das mulheres que imploravam por seu amor: bastava-se. Cheio de orgulho, Narciso nunca optou por compartilhar sua atenção com ninguém.

Certo dia, passeava na floresta, seguido pela ninfa Eco. Esta, por ser informante de Zeus quando este descia ao mundo dos homens para seduzir mulheres,

fora vítima da cólera de Hera, sua esposa, tendo sido condenada a apenas repetir os sons que ouvisse.

Ao perceber que era seguido, por alguém, Narciso perguntou “Há alguém aqui?”, ao que ouviu em resposta “Aqui”. Em seguida, um diálogo com palavras repetidas confundiu Narciso que, ao perceber se tratar de Eco, fugiu e a pobre ninfa se escondeu no fundo de uma caverna, sofrendo por amor e vergonha, enquanto seu corpo definhou, sobrando apenas sua voz.

A crueldade do rapaz, sua arrogância e empáfia foram castigadas pelos deuses: certa vez, no meio da floresta, Narciso encontrou um lago calmo, nunca dantes visto e viu seu reflexo pela primeira vez. Ao contemplar-se, Narciso imediatamente se apaixonou, mas cada vez que tentava abraçar a própria imagem (sem perceber que era apenas uma representação), a figura de desfazia. Narciso sofreu profundamente. Nada mais importava. Até que, depauperado diante do fascínio provocado por tão bela visão, morreu na beira do lago.

Parece-nos claro que o mito de Narciso se refere a um ser cujo Ego inflacionado tolheu toda a possibilidade de contato com o *self*. Narciso representa o homem que não se importa mais com nada além da figura criada por si próprio para adequar-se (como se fora isso possível) ao mundo fluido contemporâneo.

Não há alteridade no jovem, o Ego lhe basta. Incapaz de olhar além desse limite, apaixona-se, mortalmente, pela imagem de si próprio, tal qual um contador de histórias que passa a acreditar nas próprias mentiras. Narciso morre impotente diante do amor a si mesmo.

Narcisos contemporâneos, internautas criados em bolhas, encontram em paramundos, ecos que satisfazem seu Ego. Bolhas de algoritmos impedem a diversidade de ideias e criam ilhas praticamente homogêneas, onde desfilam seu amor próprio sem se importar com aqueles que estão, de maneira física, a seu lado, a clamar atenção.

Em uma entrevista, Bauman (2011) diz que o maior atrativo das redes sociais não é a capacidade de se conectar com o outro, mas a de se desconectar do outro. Explica que desconectar-se de um amigo no dito “mundo real” significa olhar para o outro e romper um laço. Já no mundo virtual (paramundo), basta um clique e a pessoa nem sempre percebe que você interrompeu a amizade com ela.

Tal qual Narciso apaixonado no lago, vivemos fascinados por nossa imagem em nossos paramundos. Postamos fotos de momentos íntimos nas redes e esperamos ansiosos por *likes* e compartilhamentos. Expomos nossas vidas cotidianas em busca de cliques que indiquem que estamos no caminho certo, aprovados pela sociedade fluida. Falamos menos e clicamos mais, com cada vez menos qualidade.

Certa vez, ao ser questionado sobre o Twitter e seus 140 caracteres, José Saramago respondeu: “Os tais 140 caracteres refletem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido” (MIRANDA, 2009, s.p).

A falta de comunicação acaba sendo um grande problema para o amor. Quanto menos nos comunicamos, mais nos isolamos. Como vimos acima, comunicar-se com o Eco dos algoritmos nos torna cada vez mais rasos, vazios, manipuláveis e solitários.

Em *Amor Líquido*, Bauman (2003) diz que sem humildade não há amor. Amar é estar aberto ao desconhecido e abrir-se ao destino, pois “em todo amor há pelo menos dois seres, cada qual a grande incógnita na equação do outro” (BAUMAN, 2003, p. 21). Acontece que, para amar o outro, precisamos praticar a alteridade, mas para fazê-lo temos de nos livrar das bolhas que criam camadas e terminam por nos isolar dos outros. Essas mesmas que nos mantêm (pseudo) **protegidos** em paramundos narcisistas, nos quais nos comunicamos apenas com ecos que nos repetem, mas apenas aquilo que queremos ouvir.

Serão culpa apenas dos aparatos modernos nossa constante solidão e fuga?
Continua Bauman (2003):

Seria tolo e irresponsável culpar as engenhocas eletrônicas pelo lento, mas constante recuo da proximidade contínua, pessoal, direta, face a face, multifacetada e multiuso. E, no entanto, a proximidade virtual ostenta características que, no líquido mundo moderno, podem ser vistas, com boa razão, como vantajosas – mas que não podem ser facilmente obtidas sob as condições daquele outro *tête-à-tête*, não virtual. Não admira que a proximidade virtual tenha ganhado a preferência e seja praticada com maior zelo e espontaneidade do que qualquer outra forma de contiguidade. A solidão por trás da porta fechada de um quarto com um telefone celular à mão pode parecer uma condição menos arriscada e mais segura do que compartilhar o terreno doméstico comum. (BAUMAN, 2003, p. 85).

Incapaz de doar-se, tanto de forma individual quanto coletiva, o ser humano contemporâneo, afunda em uma areia movediça de solidão e mediocridade. Sem tempo para fruir ideias complexas, trocar sentimentos profundos, partilhar emoções verdadeiras, este ser apenas compartilha imagens soltas, aforismos retalhados, reflexos fabricados e esconde-se dos outros e de si mesmo sem ter a menor noção de que o faz.

Em 2015, Umberto Eco disse que a “internet deu voz a uma legião de imbecis” que falava antes “em um bar e depois de uma taça de vinho, sem prejudicar a coletividade”.

Imbecis, solitários e rasos. Incapazes de se condoer pelo outro, uma vez que o outro não passa de uma presença virtual, uma legião de cegos mira-se num espelho negro sem saber que o reflexo não é imagem e semelhança de seu criador ou da criatura.

Conforme artigo do jornalista Dale Beran (2017), publicado na Folha de São Paulo, foram os solitários cansados temerosos do comunismo, da ditadura gay e da doutrinação feminista que elegeram Donald Trump para presidente dos Estados Unidos. Segundo o autor, “jovens desempregados e sem namorada votam em Trump, porque ele encarna a ideologia da desesperança”, ou seja, a **direita** usou guetos virtuais, como o site *4cham* para disseminar ideias conservadoras, ódio e intolerância travestida de brincadeira libertária. Locais em que “meninos-homens isolados afirmavam seu direito de fazer ou dizer o que quer que fosse, desprezando sentimentos alheios. Isso, de modo geral, significava postar pornografia, suásticas, xingamentos raciais e conteúdos que se revelavam perniciosos para outras pessoas”.

Sobre o assunto, Maurício Moraes (2016), escreveu que

Trump não é propriamente um imbecil, muito pelo contrário. É um espertalhão que lidera cidadãos cansados do sistema. Ele aposta nos milhares de comentaristas raivosos que, com medo do comunismo, da ditadura gay e outras paranoias, buscam um salvador da pátria. (MORAES, 2016, s.p).

Considerações Finais

A figura social do solitário, como um ser frágil e indefeso, ganha novo verniz na internet: agora ele é anônimo, protegido em seu casulo, escondido sob um codinome

qualquer, mas com a capacidade enorme de espalhar ódio. Na rede, tal personagem é conhecido como *hater* ou *troll*.

Se, na visão de Beran, tais *haters* foram importantes para a vitória de Trump, há de se atentar ao fato do crescimento do candidato de direita, Jair Bolsonaro, em terras brasileiras e seu forte apelo entre jovens usuários da internet.

Assim, parafraseando Maurício Moraes, se até agora celebramos a rede por tudo de bom que produziu, esperamos um dia, não ter de lamentar. Algo como em *Cem Anos de Solidão*, em cujo final toda a cidade se desfaz em pó.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. “A amizade Facebook”. Entrevista concedida a SHÜLER, F. MAZZILLI, M. *Canal Fronteiras do pensamento*, 2011. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?time_continue=8&v=5Lm2O3Q56Wg>. Acesso em 2 de maio de 2016.

_____. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000.

MÁRQUEZ, G.G. *Cem Anos de Solidão*. Rio de Janeiro, Record, 1967.

BANDOS, Lucas. “‘Ela’: um paralelo entre o filme de Spike Jonze e o pensamento de Gilles Lipovetsky”. *Eu & o Cinema*. 05 de maio de 2016. Disponível em:

<<https://eueocine.wordpress.com/2016/05/05/ela-um-paralelo-entre-o-filme-de-spike-jonze-e-o-pensamento-de-gilles-lipovetsky/>>. Acesso em 18 de julho de 2017.

BERAN, Dale. “Trump, os nerds do 4Chan e a direita dos Estados Unidos”. *Folha de São Paulo*. 19 de março de 2017. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/03/1867370-trump-os-nerds-do-4chan-e-a-nova-direita-dos-estados-unidos.shtml>>. Acesso em 18 de julho de 2017

BRAGA, C. “Novidade da Netflix, ‘Her’ é um poético retrato das relações contemporânea”. *Cultoradoria*, 02 de maio de 2017. Disponível em:

<<http://cultoradoria.com.br/her/>>. Acesso em 18 de julho de 2017.

BRANDÃO, A.J.S. “Uma viagem pela imagem: do *lógos* à formação iconofotológica”. In: *Revista Digital do LAV*, UFSM, 2009.

CABRAL, J.F.P. “Estória de Narciso e Eco”. In: *Brasil Escola*. Disponível em:

<<http://brasilecola.uol.com.br/mitologia/estoria-narciso-eco.htm>>. Acesso em 18 de julho de 2017.

ELA. Direção: Spike Jonze. Título original: *Her*. Estados Unidos. 2013. Distribuição: Warner Bros. Pictures. Produção: Megan Ellison, Spike Jonze, Vicent Landay.

FRANCO, L. *Reflexões psicológicas sobre o filme Her*. 05 de março de 2017. Disponível em: < <http://luizafranco.com.br/her/> >. Acesso em 18 de julho de 2017.

LEMOS, A. *Cibercultura, Cultura e Identidade. Em direção a uma “Cultura Copyleft”?* Disponível em:

< <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/copyleft.pdf> > acesso em 18 julho 2017.

MATRIX. Direção: Lili Wachowski, Lana Wachowski. Estados Unidos, Austrália. 1999.

Distribuição: Warner Bros. Pictures. Produção: Joel Silver.

MIRANDA, A. *José Saramago fala sobre twitter, Lula e seu novo livro*. O Globo. 26/07/2009. Disponível em:

< <http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/jose-saramago-fala-sobre-twitter-lula-seu-novo-livro-208101.html> >. Acesso em 18 de julho de 2017.

MORAES, M. “Com a palavra, os idiotas”. *Carta Capital*. 25 de fevereiro de 2016. Disponível em:

< <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/com-a-palavra-os-idiotas> >. Acesso em 18 de julho de 2017.

REIS, A.. “Spoiler, House of Cards e o Big Data”. In: *Meio e Mensagem*, 14 de abril de 2016. Disponível em:

< <http://www.meioemensagem.com.br/home/opiniao/2016/04/14/spoiler-house-of-cards-e-o-big-data-2.html> > acesso em 18 de julho de 2017.

VERDÚ, D. “O gosto na era do Algoritmo: as sugestões de plataformas como Netflix e Spotify elevam o risco de homogeneização da identidade”. In: *El País*. 09 julho 2016. Disponível em:

< https://brasil.elpais.com/brasil/2016/07/07/cultura/1467898058_835206.html > acesso em 18 julho 2017.

Recebimento: 11/05/2018

Aceite: 08/09/2018